

Entre a China e o Brasil: o pensamento maoísta e Revolução Chinesa no Partido Comunista do Brasil na década de 1950

Jayme Lúcio Fernandes Ribeiro *

Resumo

Em 1950, o Partido Comunista do Brasil lançou a toda sua militância uma nova linha política, denominada *Manifesto de Agosto*. A nova orientação do partido consolidava uma política que, estabelecida em 1948, colocava o PCB numa posição de extrema radicalidade. A luta armada revolucionária estava na ordem do dia. Não obstante, a partir da análise de um variado número de fontes, é possível perceber influências da Revolução Chinesa e do maoísmo na linha política do *Manifesto de Agosto*.

Palavras-chave: PCB, Maoísmo, Revolução Chinesa.

Abstract

In 1950, the Brazilian Communist Party launched to its whole militancy a new political line called *August Manifest*. The new orientation of the party consolidated a politics that, established in 1948, put PCB in a position of extreme radicality. The revolutionary armed conflict was on the agenda. Nevertheless, from the analysis of a varied number of sources it is possible to perceive influences of the Chinese Revolution and of the Maoism in the political line of the *August Manifest*.

Keywords: PCB, Maoism, Chinese Revolution

A década de 1950 é marcante na trajetória política do Partido Comunista do Brasil.¹ O referido ano consolidou uma virada radical à esquerda, que havia sido inaugurada com o *Manifesto de Janeiro de 1948*. Nesse ano, a direção partidária deu o primeiro passo em direção à uma guinada de 180 graus que nortearia formalmente toda a sua trajetória política até a *Declaração de Março de 1958*. O documento aparece pela primeira vez na revista de orientação comunista *Problemas*, em seu número 8, na edição de abril. Nele, os comunistas pregavam a formação de uma frente ampla, composta por todos aqueles que queriam lutar contra o “imperialismo”, o “feudalismo” e o “latifúndio”. Pregava ainda a instalação de um

* Doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ).

¹ Será utilizado o nome Partido Comunista do Brasil devido ao período compreendido pelo trabalho. Fundado em março de 1922, com o nome de Partido Comunista do Brasil, Seção Brasileira da Internacional Comunista, e adotando a sigla PCB, somente em agosto de 1961 o Comitê Central do partido modifica os estatutos e sua denominação, passando, assim, a utilizar o nome Partido Comunista Brasileiro, mantendo a sigla. Somente em janeiro de 1992 é que o PCB sai de cena para dar lugar a seu sucessor: o Partido Popular Socialista (PPS). No entanto, O Partido Comunista Brasileiro foi refundado em Ilhéus, em 1995, não possuindo, porém, a expressão política de outrora.

governo democrático, nacionalista e progressista (CARONE, 1982). O governo Dutra, que até então fazia parte da política de “União Nacional”, passou a ser considerado “de traição nacional a serviço do imperialismo norte-americano” (CARONE, 1982).

Importa ressaltar que a cassação do registro do Partido, em 1947, e do mandato de seus parlamentares em 1948, causou um enorme impacto no PCB. Além disso, a enorme perseguição policial que sofrera a partir daquele momento, frustrou todas as suas expectativas de uma evolução eleitoral dentro da lei.

Dois anos e meio depois, a direção do PCB, em um documento intitulado *Manifesto de Agosto*, assinado por Luiz Carlos Prestes, consolida uma linha política de extrema radicalidade. O momento se apresentava, segundo o dirigente comunista, como bastante oportuno para “organizar” as classes trabalhadoras e colocá-las no caminho da luta armada revolucionária, objetivando concretizar a primeira etapa da *revolução brasileira*.

A partir da análise de um variado número de fontes, é possível perceber influências da Revolução Chinesa e do maoísmo na linha política do *Manifesto de Agosto* (1950-1958). Diversas fontes atestam o fenômeno. Documentos do partido, memórias de militantes e ações práticas do Partido Comunista do Brasil permitem verificar ressonâncias do pensamento maoísta e do episódio revolucionário chinês, de 1949, no interior do partido, na década de 1950, e na elaboração de sua linha política radical.

O universo do pensamento maoísta tem um importante eixo: o mundo rural e o movimento social dos camponeses. Algo aparentemente óbvio, se compararmos a proporção da população rural com a das cidades: cerca de 90% da população chinesa na época da revolução vivia na área rural do país. Segundo Daniel Aarão Reis Filho, seria mesmo impossível a realização de qualquer projeto social de transformação da sociedade chinesa sem a participação ativa das massas rurais. De acordo com o autor,

tanto a estratégia revolucionária da guerra camponesa prolongada (acúmulo de forças a partir das bases rurais libertadas, cerco das cidades pelo campo, força armada autônoma, adoção da metodologia da guerrilha popular), quanto o projeto de construção do socialismo (revolução ideológica, reeducação do povo pela pedagogia revolucionária, noção da atividade transformadora como um ‘serviço’, construção do homem novo), propostos pelo pensamento de Mao Zedong são regidos pelas referências camponesas e encontram sua maior concretização política e organizativa numa instituição camponesa, as Comunas Populares (REIS FILHO, 2002: 111)

Desse modo, pode-se perceber que o maoísmo tinha, como um forte traço característico, a valorização do camponês, não apenas como ator principal da luta revolucionária do povo chinês, mas também como vanguarda no projeto de construção do socialismo. Não obstante, ainda fizeram parte do ideário da Revolução Chinesa no interior do

PCB a criação da Frente Democrática de Libertação Nacional (FDLN), a tentativa de elaboração do Exército Popular de Libertação Nacional (EPLN) e a bandeira de luta “por um governo democrático e popular”, ambos tendo como exemplo a experiência revolucionária dos chineses.

De acordo com o *Manifesto de Agosto*, tornava-se extremamente importante construir uma ampla política frentista que deveria ser levada onde quer que estivesse o trabalhador brasileiro. Os militantes do partido deveriam levar à classe trabalhadora a nova orientação revolucionária do partido. A proposta de luta armada deveria deitar raízes “em todos os locais de trabalho”. Segundo o *Manifesto*,

É indispensável e urgente unir e organizar as forças do povo em amplos comitês da FRENTE DEMOCRÁTICA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL nos locais de trabalho e de resistência. Nesse grande esforço de organização e unificação popular cabe ao proletariado um papel dirigente e fundamental. Mas a classe operária precisa, simultaneamente, organizar-se e unificar suas próprias forças para que possa constituir a grande força motriz capaz de mobilizar e dirigir as demais camadas populares na grande luta pela libertação nacional do jugo imperialista e pela conquista da democracia popular (*PRESTES, 1950: p. 2*).

A política frentista vitoriosa na China servia, então, senão de modelo, como incentivador dos ânimos, já que a China mostrara ao mundo a possibilidade de se concretizar a revolução socialista num país de base rural e pouco industrializado, de características, sob este aspecto, semelhantes às do Brasil. Segundo o ex-militante do PCB, Hércules Corrêa, é correto “pensar na influência para redigir o Manifesto”.² Conforme a prática do ex-militante naquele período de linha política radical, “a China passaria a ser o ideal da gente”.³ Corroborando essas idéias, o militante comunista Dinarco Reis afirmou:

A realidade é que o modelo chinês do processo revolucionário, que teve sua base fundamental nas grandes rebeliões de massas camponesas e nas sucessivas guerras parciais internas e externas, empolgou seriamente vários quadros da direção central do Partido, que passaram a pretender reproduzi-lo no Brasil [...] (REIS, s/d: 89).

Durante o processo da Revolução Chinesa, mas, sobretudo após o seu resultado vitorioso, diversos artigos e manchetes eram publicados nas páginas dos jornais comunistas. Procurando mostrar aos comunistas brasileiros que era possível realizar a revolução num país agrário e sob forte presença imperialista, a imprensa comunista publicava constantemente o grande feito dos revolucionários chineses. Vale lembrar que, logo no início de 1950, o jornal *Voz Operária* incluiu uma nova seção destinada a reportar notícias sobre a China e a

² Hércules Corrêa. Entrevista concedida ao autor, em 21/12/2005.

³ Idem.

Revolução Chinesa. Sob o título de: “O Exemplo Heróico de Wang Hsiao-Ho”,⁴ o periódico *Voz Operária* descrevia como, através de um exemplo, o povo chinês foi conquistando sua libertação. Conforme o artigo, o líder da União dos Trabalhadores da Energia Elétrica de Shangai fora executado em via pública, em 30 de setembro de 1948. Todavia, não sem luta, não sem a indignação e sem a manifestação de repúdio dos trabalhadores. A história do jovem líder sindical de apenas 25 anos é marcada pela traição do seu governo para com ele e para com o seu país, já que a empresa era norte-americana. De acordo com o relato da imprensa, a multidão de trabalhadores se comprimiu nas portas da Corte assim que tomou conhecimento de que o líder sindical tinha sido sentenciado à morte. Imediatamente,

*apelaram pela vida de Wang e recusaram-se a dispersar enquanto o pedido de relevação da pena não fosse atendido. Na manhã de 30 de setembro, a Corte anunciou aos impacientes manifestantes que o seu apelo estava sendo examinado e que a execução estava para ser adiada. Mas, [traíçoeiramente, assim] que os trabalhadores abandonaram o [edifício da] Corte, Wang foi executado por um pelotão de fuzilamento.*⁵

Wang, que era empregado da Companhia de Energia Elétrica de Shangai,

foi preso em fins de abril e submetido à Corte Criminal Especial, sob a acusação de tentar destruir um gerador de força, pondo barras de aço na máquina. Na prisão foi torturado. A Corte tentou forçá-lo a confessar que era comunista e que havia feito sabotagem no gerador. Mas todos esses métodos desumanos não conseguiram quebrar seu ânimo. Wang permaneceu firme e inabalável.⁶

Na manhã de seu julgamento, sorriu para os repórteres que assistiram ao julgamento e disse: “Estou satisfeito em ver vocês. Espero que levem o meu caso ao conhecimento de todo o mundo. Não sou comunista; sou um dos diretores do Sindicato da Indústria de Energia Elétrica, eleito por mais de 20.000 operários. O Kuomintang quer dominar o sindicato operário fazendo de mim um bode expiatório. Não tenho medo de morrer. O futuro e o povo chinês vingarão a minha morte”.⁷

No caminho para o pátio da Corte, de acordo com *Voz Operária*, Wang bradou incessantemente: “Trabalhadores, uni-vos! A Corte Criminal Especial é uma organização para nos massacrar, uma organização para fabricar acusações falsas! É Fascista! Abaixo o Kuomintang! Viva o proletariado chinês! Viva o povo chinês!”.⁸

É possível perceber no artigo, através de uma leitura atenta, alguns chamamentos do *Manifesto de Agosto*. O apoio dos trabalhadores ao líder sindical assemelha-se aos apelos que

⁴ *Voz Operária*. Rio de Janeiro, 24 de junho de 1950, p. 03. Como esse, muitos artigos foram publicados nos jornais *Voz Operária* e *Imprensa Popular*.

⁵ Idem.

⁶ Idem.

⁷ Idem.

⁸ Idem.

o PCB fazia à população no intuito de apoiarem os representantes comunistas nos sindicatos. As características do governo chinês, apresentadas no texto, eram as mesmas denunciadas pelos comunistas sobre governo brasileiro: “ditador”, “fascista”, “repressor”, “traidor”. A dominação imperialista também se faz presente, assim como o *interdicto* comunista. Convém lembrar que os comunistas brasileiros, quando participavam das campanhas nacionalistas em defesa do petróleo e das campanhas em favor da paz,⁹ também não diziam, em muitas vezes, que eram comunistas, nem que as campanhas eram organizadas por eles ou pela URSS. É preciso ressaltar que o exemplo de coragem, de determinação, de firmeza ideológica presentes no jovem Wang, era exatamente o que o PCB queria de seus militantes no cumprimento de suas tarefas. Além disso, e talvez o mais importante, lembrando Marx, era o pedido de união da classe trabalhadora, demonstrando que somente tal união poderia derrotar qualquer inimigo. Se os trabalhadores se mantivessem firmes em seus propósitos e não vacilassem, seriam capazes de derrotar seus governos de “traição nacional”.

No artigo de *Imprensa Popular*, em janeiro de 1951, intitulado “INDUSTRIAIS CHINESES VERBERAM A AGRESSÃO IANQUE”,¹⁰ é possível notar que o processo de aliança de classes, tanto desejado pelos comunistas brasileiros, fora realizado na China durante a revolução. Conforme relatou o jornal, o empresariado chinês voltou-se contra os interesses dos Estados Unidos, “recusando a ser enganado e não crendo em suas ameaças, haveis tomado vosso lugar nas fileiras dos patriotas para resistir aos imperialistas americanos”.¹¹ Esse exemplo, segundo o artigo, motivava o povo chinês em sua luta contra os imperialistas e na manutenção da revolução vitoriosa. De acordo com o periódico, “patriotas, operários, camponeses, intelectuais, comerciantes e industriais devem formar um

⁹ As campanhas em favor da paz são oriundas do “Movimento Pela Paz”. Também chamado de “Luta pela Paz”, o movimento começou em agosto de 1948, quando se celebrou, na Polônia, o Congresso Mundial dos Intelectuais pela Paz e, em novembro, na França, o Congresso Nacional dos “Combatentes da Paz”. Além deles, o “Congresso Mundial da Federação Democrática das Mulheres”, em Budapeste no outono do mesmo ano, e, muito particularmente, o primeiro “Congresso Mundial dos Partidários da Paz”, realizado em Paris e em Praga, de vinte a vinte e cinco de abril de 1949, contribuíram grandemente para a divulgação e propagação do “Movimento pela Paz” em todo o mundo. O “Movimento pela Paz” incluía diversas campanhas. A primeira – e a mais importante – foi a “Campanha pela Proibição das Armas Atômicas”, de 1950. A partir desse ano, apelos e protestos contra a OTAN, contra a Guerra da Coreia (1950-53), pelo desarmamento geral, contra o envio de soldados brasileiros para a Coreia (1950-53), contra a guerra atômica (“Apelo de Viena”, 1955), por um pacto de paz entre as cinco grandes potências – Estados Unidos, União Soviética, China, Inglaterra e França (“Apelo de Berlin”, 1951) –, fizeram parte do “Movimento”. No Brasil, os militantes comunistas, sob a orientação do Partido Comunista do Brasil (PCB), organizaram e propagandearam as campanhas, objetivando mobilizar a sociedade em busca de assinaturas aos seus apelos pacifistas e obter respaldo social às suas ações. Sobre o “Movimento pela Paz” e a “Campanha Pela Proibição das Armas Atômicas” ver RIBEIRO, Jayme Fernandes. “Os ‘combatentes da paz’ – a participação dos comunistas brasileiros na Campanha Pela Proibição das Armas Atômicas (1950)”. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 21, nº 42, julho-dezembro de 2008, pp. 52-76.

¹⁰ *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro, 05 de janeiro de 1951, p. 02.

¹¹ Idem.

bloco como um só homem contra a agressão imperialista americana”.¹² Com isso, torna-se possível verificar que um dos fatores que contribuíram para a vitória da Revolução Chinesa foi a ampla frente policlassista que, segundo a imprensa comunista, só havia sido possível graças à união dos comerciantes e industriais patriotas “com as amplas massas do povo em uma frente única mais sólida do que nunca contra a agressão imperialista”.¹³ Tal fato, realizado com sucesso na China, devia ser seguido no Brasil. E a direção do PCB, através do *Manifesto de Agosto* e outros documentos, apontava a todos os brasileiros o caminho da Frente Democrática de Libertação Nacional. Uma política frentista inspirada no processo revolucionário chinês, cuja efetivação e consolidação possibilitaram o sucesso da revolução de 1949. Importa ressaltar que, como esses, inúmeros artigos podiam ser encontrados nas páginas dos jornais comunistas, principalmente a partir de 1949. É possível dizer que a vitória do comunismo na China alimentou os sonhos dos comunistas brasileiros e deu fôlego ao PCB na sua nova tentativa de insurreição armada.

Em inúmeros jornais da imprensa comunista, podiam-se encontrar ainda artigos de correspondentes, relatos e notícias de jornais chineses e, até mesmo, traduções de discursos de Mao Tse Tung. O periódico *Democracia Popular*, de primeiro de dezembro de 1950, publicou o seguinte artigo: “A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO E O POVO CHINÊS”,¹⁴ assinado por Tchu Teh, membro do Bureau Político do Partido Comunista da China. O artigo saudava a União Soviética pelo 33º aniversário da Revolução de Outubro de 1917 e dizia:

*O povo chinês armado com a teoria de Marx e Lênin e sob a direção deste Partido, dirigido pelo camarada Mao Tse Tung, alcançou o seu triunfo histórico. A Revolução Socialista de Outubro exerceu profunda influência sobre o povo chinês. Durante 33 anos, o povo da União Soviética manifestou sempre sua ajuda fraternal ao povo chinês. [...] O povo chinês está certo de que sem a ajuda da União Soviética e de outros Estados, sem a solidariedade internacional anti-imperialista, a revolução da China não teria podido alcançar a vitória, nem consolidar sua conquista.*¹⁵

Por fim, o artigo concluía enfaticamente:

*Viva a Grande Revolução Socialista de Outubro!
Viva o camarada Stalin, mestre dos povos do mundo!
Viva a grande solidariedade dos povos de todo o mundo em face do imperialismo!
Viva a indestrutível amizade e colaboração entre a China e a União Soviética!*¹⁶

Com isso, a imprensa comunista mostrava aos leitores brasileiros que o socialismo chinês ia de vento em popa. As transformações ocorridas na China com o advento da

¹² Idem.

¹³ Idem.

¹⁴ *Democracia Popular*. Rio de Janeiro, 1º de dezembro de 1950, p. 04.

¹⁵ Idem.

¹⁶ Idem.

revolução continuavam em ascensão e só faziam o país se desenvolver, a economia ficar mais forte e as classes trabalhadoras mais felizes. Os periódicos comunistas brasileiros faziam sua parte. Diversos artigos eram publicados, exaltando o exemplo vitorioso do povo chinês, que cerrou fileiras em torno do Partido Comunista e concretizou a ampla frente de libertação nacional. Inúmeras personalidades eram estampadas nas páginas dos jornais e reproduzidas em alguns panfletos, destacando-se como exemplos a serem seguidos. Livros eram publicados, exaltando a trajetória dos revolucionários chineses, que, muitas vezes, saíram das aldeias camponesas e se destacaram na luta contra o imperialismo e pela libertação nacional.

Assim, é possível perceber que, conforme os relatos da imprensa comunista, a vida para os trabalhadores e para toda a população da China havia se tornado muito melhor. Os salários aumentavam, os preços baixavam, hospitais eram construídos, clubes possibilitavam o lazer para os trabalhadores, escolas eram criadas para acabar com o analfabetismo da classe trabalhadora e para educar a mocidade, as mulheres eram valorizadas e tinham seu papel destacado na construção da nova sociedade, enfim, tudo o que os trabalhadores brasileiros e, quiçá, de todo o mundo, desejavam.

O horizonte apontado pelos chineses, um governo democrático e popular, inspirava os comunistas brasileiros na luta pela implementação das diretrizes do *Manifesto de Agosto*.

Referências bibliográficas

- BARATA, Agildo. *Vida de um revolucionário*. Memórias, São Paulo, Alfa-Ômega, 1978.
- BASBAUM, Leôncio. *Uma vida em seis tempos*. Memórias. São Paulo, Alfa-Ômega, 1978.
- CARONE, Edgar. *O P. C. B.* São Paulo, Difel, 1982, vol. 2.
- CAVALCANTE, Berenice. *Certezas e ilusões. Os comunistas e a redemocratização da sociedade brasileira*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro/EdUFF, 1986.
- CLAUDIN, Fernando. *La crisis del movimiento comunista. De la Komintern al Kominform*. Paris, Ruedo Ibérico, 1970.
- CORRÊA, Hércules. *Memórias de um stalinista*. Rio de Janeiro, Opera Nostra, 1994.
- FERREIRA, Jorge. *Prisioneiro do mito: Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956)*. Niterói: EdUFF: Rio de Janeiro: MAUAD, 2002.
- MARIANI, Bethania. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais 1922-1989*. Rio de Janeiro: Revan; Campinas, São Paulo, UNICAMP, 1998.
- PRESTES, Luiz Carlos. “Manifesto de Agosto”. *Voz Operária*. Rio de Janeiro, 5 de agosto de 1950, pp. 1, 2 e 4.
- REIS, Dinarco. *A luta de classes no Brasil e o PCB*. São Paulo, Novos Rumos, vol. 1, s/d.

REIS FILHO, Daniel Aarão. *A revolução faltou ao encontro. Os comunistas no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1989.

_____. “O maoísmo e a trajetória dos marxistas brasileiros.” In REIS FILHO, Daniel Aarão e RIDENTI, Marcelo (orgs.) *História do marxismo no Brasil*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, vol. 1, 2002.

_____. “Entre reforma e revolução: a trajetória do Partido Comunista no Brasil entre 1943 e 1964”. In REIS FILHO, Daniel Aarão e RIDENTI, Marcelo (orgs.) *História do marxismo no Brasil*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, vol. 5, 2002.

_____. *Uma Revolução Perdida: a história do socialismo soviético*. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 1997.

RIBEIRO, Jayme Fernandes. “Os ‘combatentes da paz’ – a participação dos comunistas brasileiros na Campanha Pela Proibição das Armas Atômicas (1950)”. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 21, n° 42, julho-dezembro de 2008, pp. 52-76.

TUNG, Mao Tse. *Sobre a prática e sobre a contradição*. São Paulo, Expressão Popular, 1999.

_____. *Obras escolhidas*. 4 v. Rio de Janeiro, Editorial Vitória Limitada, 1961.

_____. *O livro vermelho*. São Paulo, Editora Martin Claret, Coleção A Obra-Prima de Cada Autor, 2002.